

# “O dia não amanhecia”: uma cartografia do (eu) morro

---

Bruno Tarpani, Fabiana Rodrigues Barbosa,  
Layla Raquel Silva Gomes e Luiz Eduardo de Siqueira S. Thiago

## Resumo

Trazemos reflexões de uma experiência de trabalho realizada por um grupo de psicanalistas na comunidade Vila do Sahy, localizada em São Sebastião, litoral norte paulista, território com o maior número de mortes no estado de São Paulo em decorrência das chuvas no início de 2023. O acontecimento, nomeado por moradores como “tragédia-crime”, presentifica-se até o momento. O projeto Trançar com Comunidades Beiradeiras interroga-se sobre o que pode a psicanálise em circunstâncias de desastres ambientais — que, em decorrência das mudanças climáticas, tornam-se mais frequentes. O trabalho tem parceria dos laboratórios: Psicanálise, Sociedade e Política (Psopol) e Psicanálise, Saúde e Instituição (Labpsi) do Ipusp-SP. O objetivo deste escrito é amplificar o testemunho dos sobreviventes desse violento evento e problematizar a posição do psicanalista diante das vicissitudes do desastre e suas possibilidades de elaboração. Nossa direção de trabalho visa a uma passagem da queixa-denúncia da comunidade à demanda coordenada ao Estado e ao reconhecimento dos processos de significação entre habitantes e território. Metodologicamente, fundamentamos nossa posição como pesquisadores participantes, tomando a cartografia afetiva como dispositivo. Por fim, o texto desenvolve reflexões sobre a experiência de campo, articulando sobretudo a noção de trauma e outros conceitos que tensionam os modos de se pensar a intervenção psicanalítica.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Território; Trauma; Cartografia afetiva.

## “The day did not dawn”: a cartography of the hill

### Abstract

We bring reflections from a work experience carried out by a group of psychoanalysts in the Vila do Sahy community, located in São Sebastião, on the north coast of São Paulo, a territory with the highest number of deaths in the state of São Paulo as a result of the rains at the beginning of 2023. The event, named

by residents as a “crime-tragedy”, remains present to this day. The *Trançar com Comunidades Beiradeiras* project asks what psychoanalysis can do in circumstances of environmental disasters — which, as a result of climate change, are becoming more frequent. The work is in partnership with the laboratories: Psychoanalysis, Society and Politics (PSOPOL) and Psychoanalysis, Health and Institutions (LABPSI) at IPUSP-SP. The objective of this writing is to amplify the testimony of survivors of this violent event and problematize the psychoanalyst’s position in the face of the vicissitudes of collective trauma and its possibilities for elaboration, also collective. Our work direction aims to move from the community’s complaint to a coordinated demand to the State and recognition of the processes of meaning between inhabitants and territory. Methodologically, we base our position as participating researchers, via affective cartography as a device. Finally, the text develops reflections on the field experience, articulating above all the notion of trauma and other concepts that tension the ways of thinking about psychoanalytic intervention.

### **Keywords:**

Psychoanalysis; Territory; Trauma; Affective cartography.

## **“El día no amaneció”: una cartografía del cerro**

### **Resumen**

Traemos reflexiones de una experiencia de trabajo realizada por un grupo de psicoanalistas en la comunidad Vila do Sahy, ubicada en São Sebastião, en la costa norte de São Paulo, territorio con el mayor número de muertes en el estado de São Paulo como resultado de las lluvias de principios de 2023. El hecho, denominado por los vecinos como “crimen-tragedia”, sigue presente hasta el día de hoy. El proyecto *Trançar com Comunidades Beiradeiras* se pregunta qué puede hacer el psicoanálisis en circunstancias de desastres ambientales que, como resultado del cambio climático, son cada vez más frecuentes. El trabajo se realiza en colaboración con los laboratorios: Psicoanálisis, Sociedad y Política (PSOPOL) y Psicoanálisis, Salud e Instituciones (LABPSI) de la IPUSP-SP. El objetivo de este escrito es amplificar el testimonio de sobrevivientes de este evento violento y problematizar la posición del psicoanalista frente a las vicisitudes del trauma colectivo y sus posibilidades de elaboración, también colectiva. Nuestra dirección de trabajo apunta a transitar de la denuncia de la comunidad a una demanda coordinada al Estado y al reconocimiento de los procesos de sentido entre habitantes y territorio. Metodológicamente fundamentamos nuestro posicionamiento como

investigadores participantes, a través de la cartografía afectiva como dispositivo. Finalmente, el texto desarrolla reflexiones sobre la experiencia de campo, articulando sobre todo la noción de trauma y otros conceptos que tensionan los modos de pensar sobre la intervención psicoanalítica.

### **Palabras clave:**

Psicoanálisis; Territorio; Trauma; Cartografía afectiva.

## **« Le jour ne s’est pas levé » : une cartographie de la colline**

### **Résumé**

Nous apportons les réflexions d’une expérience de travail réalisée par un groupe de psychanalystes de la communauté de Vila do Sahy, située à São Sebastião, sur la côte nord de São Paulo, un territoire avec le plus grand nombre de décès de l’État de São Paulo en tant que territoire, résultat des pluies de début 2023. L’événement, qualifié par les habitants de « crime-tragédie », reste d’actualité à ce jour. Le projet *Trançar com Comunidades Beiradeiras* se demande ce que la psychanalyse peut faire dans des circonstances de catastrophes environnementales — qui, en raison du changement climatique, deviennent de plus en plus fréquentes. Le travail est en partenariat avec les laboratoires : Psychanalyse, Société et Politique (PSOPOL) et Psychanalyse, Santé et Institutions (LABPSI) de l’IPUSP-SP. L’objectif de cet écrit est d’amplifier le témoignage des survivants de cet événement violent et de problématiser la position du psychanalyste face aux vicissitudes du traumatisme collectif et à ses possibilités d’élaboration, également collectives. Notre orientation de travail vise à passer de la plainte de la communauté à une demande coordonnée auprès de l’État et à la reconnaissance des processus de sens entre habitants et territoire. Méthodologiquement, nous basons notre position de chercheurs participants, via la cartographie affective comme dispositif. Enfin, le texte développe des réflexions sur l’expérience de terrain, articulant avant tout la notion de traumatisme et d’autres concepts qui tendent les manières de penser l’intervention psychanalytique.

### **Mots-clés :**

Psychanalyse ; Territoire ; Traumatisme ; Cartographie affectif.

## A noite

Madrugada de 19 de fevereiro de 2023. Uma noite sem luar, que se torna mais negra com a chuva que não cessa, cada vez mais ruidosa, uma cortina de água compacta. Os últimos pontos de luz se vão com a queda da eletricidade. Já não se enxerga nada mais. Ouvem-se estrondos como “passos de um gigante”, gritos desesperados. Olhos fixos nas mensagens que chegam nos grupos de WhatsApp, enquanto ainda se tem sinal. Parte da Estrada Beira Rio, que já contava com apenas meia pista depois da chuvarada de fevereiro do ano anterior, termina de ruir. Logo o sinal de internet também cessa, e só restam os horripilantes ruídos de destruição. Os que ficaram se recordam: “O dia não amanhecia”.

Figura 1. O morro: visita à comunidade.



Fonte: Tarpani, 2023.

\*\*\*

Este texto advém da experiência de quatro psicanalistas mobilizados pelo desastre ocorrido na Vila do Sahy, localizada no litoral norte paulista. Chuvas torrenciais e ininterruptas atingiram a região, produzindo diversos deslizamentos em terrenos de acentuado aclive, o que acarretou a morte de muitos que ali viviam. O evento, nomeado por alguns sobreviventes como “tragédia-crime”, é um dos muitos casos da crônica história de expropriação de terras e impedimentos às populações menos favorecidas economicamente de acessarem áreas seguras do território, restando-lhes a ocupação das áreas de risco geocológico. Perguntamo-nos: o que pode a psicanálise diante de desastres ambientais que têm se tornado mais frequentes, causados direta

ou indiretamente pela ação humana? Essa questão parte do reconhecimento de que há especificidades socioeconômicas e culturais a serem levadas em consideração na escuta analítica de tais situações. Ademais, estamos diante de uma modalidade de sofrimento fundamentalmente coletiva e que abrange questões relacionadas com a segurança habitacional e as relações de significação estabelecidas com o território habitado, que carrega consigo histórias inauditas, algumas de um passado remoto.

Os Tupinambás viviam, por volta do século XVI, principalmente em duas regiões do litoral brasileiro: da margem direita do rio São Francisco até o Recôncavo Baiano; e do cabo de São Tomé (estado do Rio de Janeiro) até São Sebastião (estado de São Paulo) (Bueno, 1999, 2003), sendo esse segundo grupo também denominado Tamoio (Staden, 2010). *Tupinambá* vem do tupi *tubüü-abá*, “descendentes dos primeiros pais”, pela junção de *tuba*, pai; *ypy*, primeiro; e *abá*, homem (Bueno, 1999; Navarro, 2005; Staden, 2010). Navarro (2013) sugere a etimologia “todos da família dos tupis”, por meio da junção de *tupi* com *anama*, família; e *mbá*, todos.

A comunidade da atual Vila do Sahy compõe-se de descendentes das etnias Tupinambá, Tamoia e grande presença nordestina migratória. Essa história ancestral nos foi contada por alguns de seus habitantes. Antes de se chamar Vila do Sahy (referência ao rio Sahy, do tupi “água dos olhos” ou “olhos miúdos”), o local era conhecido como Vila dos Baianos ou Vila Baiana. Tais são as marcas significantes de relatos de moradores e de nossas pesquisas, que apontam para a dimensão histórica do território, aberta a reescrever-se.

## Trançar

O projeto Trançar com Comunidades Beiradeiras foi iniciado pela psicanalista Fabiana R. Barbosa, residente em território litorâneo também atingido pelas chuvas de fevereiro de 2023. A partir da mobilização de outros analistas, um trabalho semanal buscou tomar ciência da situação psíquica e material dos atingidos. A Vila do Sahy saltou aos olhos pela magnitude do desastre: foram contadas 64 vidas perdidas (Castelani, 2023). Nosso grupo, hoje composto pelos autores deste texto, continua a se reunir semanalmente e trabalha em contato contínuo com líderes comunitários do território.

Nas articulações prévias à ida ao território, convidamos ao debate membros do Laboratório de Psicanálise e Política (Psopol, coordenado por Miriam Debieux Rosa e Ivan Ramos Estevão) e do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Saúde e Instituição (Labpsi, coordenado por Maria Livia Tourinho Moretto), ambos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp-SP). Até o momento da escrita deste texto, o projeto não conseguiu financiamento de instituição alguma para o custeio de suas atividades, qualificando-se como uma iniciativa voluntária. Nesse primeiro tempo, o grupo levantou recursos financeiros para a primeira visita a campo por meio das atividades organizadas pelo coletivo Laço: Psicanalistas no Combate à Fome, coordenado pelo psicanalista Bruno Tarpani.

Após período de intenso debate sobre seus objetivos, o projeto Trançar estrutura-se como um grupo de analistas voltados à escuta de pessoas atingidas por desastres coletivos decorrentes de causas socioambientais, direta ou indiretamente provocadas pela ação humana, e que, para isso, lança mão de dispositivos que possam permitir a escuta de processos coletivos de significação do território. O desejo motriz do projeto foi a construção de formas de escuta que articulassem as relações entre os sujeitos e seus territórios, para além de intervenções individualizantes orientadas por viés psicopatológico.

Como grupo, logo estabelecemos contato com lideranças comunitárias e profissionais que no local ofertavam assistência psicológica aos atingidos. Contato prévio que nos permitiu organizar o primeiro encontro com os moradores, facilitado pelas lideranças comunitárias. O objetivo era oferecer um espaço de escuta coletiva, a partir da história do território e dos eventos ocorridos durante e após o desastre. Para essa visita, estabelecemos como um dos dispositivos metodológicos a cartografia afetiva, que propicia a circulação de relatos e o registro gráfico de elementos subjetivos (memórias, afetos, significados) que constituem o território. Um meio para a elaboração dos eventos que assolaram a comunidade e, ao mesmo tempo, para registro das redes de significações entre moradores e território, o que pode favorecer a orientação e a informação de futuras ações e pesquisas com a comunidade.

## Um morro, vários prismas

Figura 2. Reconhecendo o território: visita à comunidade.



Fonte: Tarpani, 2023.

\*\*\*

Quando a noite finalmente se vai e o domingo amanhece, a chuva dá sua trégua. Lama. Nas ruas, as pessoas caminham erráticas, claudicantes, rostos desesperados em meio a um cenário de guerra. A casa na entrada da Beira Rio veio abaixo, junto com árvores e um poste de eletricidade; nem pedestre passa. Ilhados. Um jovem casal caminha desoladamente com o bebê no colo, sem saber para onde ir. Já outro bebê foi arrancado dos braços da avó pela força das águas e encontrado no final da rua, sem vida. Uma moradora que havia retornado à sua casa para resgatar o cachorro foi encontrada soterrada pelas paredes que um dia lhe serviram de lar. A ponte sobre o rio Boiçucanga não resistiu. Logo as notícias circulam boca a boca: “fulano e sua família estão soterrados entre os escombros da casa; outro está muito machucado; aquele perdeu a filha”. Os que moram do lado de cá da pista, nomeado “o sertão”, e que não contam com helicópteros como os que têm suas casas banhadas pela vista do mar, começam a se organizar para resgatar os desaparecidos. Pás, picaretas, enxadas e solidariedade para retirar os que ainda estavam sob as ruínas de suas casas ou entre a vegetação e os entulhos vindos abaixo pelas encostas.

\*\*\*

A cartografia afetiva é um dispositivo situado em campo interdisciplinar, composto por: psicologia ambiental, sociologia, antropologia, urbanismo, artes visuais, entre outras áreas com operadores analíticos e adaptações metodológicas próprias. Sua intenção não é a produção de um mapa com fins de orientação ou de localização objetiva, mas a de criar um material gráfico capaz de representar os laços de identidade, pertencimento, memória e afeto que um grupo de pessoas estabelece com um território.

É razoável que sejamos indagados sobre a escolha desse dispositivo na escuta do território da Vila do Sahy. A partir do cenário da pandemia de covid-19, ocorreu o surgimento expressivo de grupos psicoterapêuticos e psicanalíticos que oferecem assistência a pessoas em situação de vulnerabilidade social, em especial na modalidade *online*. No contexto desse desastre ambiental coletivo não foi diferente: tão logo fora possível, assistiu-se a diversas ofertas de assistência psicológica organizadas por indivíduos e grupos de terapeutas voluntários, com atendimentos realizados tanto no território quanto *online*. Até onde tivemos notícias, tais assistências oferecidas se orientaram por modelos psicopatológicos de escuta individual, em *settings* organizados por uma concepção de subjetividade isolacionista, desarticulada da dimensão coletiva que qualifica a experiência que acometeu a comunidade. Uma breve imersão no território revela a dissociação entre tais modelos e as formas de construção de laços entre moradores, tão marcadamente expressa pela circulação fervilhante entre residências, e a atmosfera musical comum que dinamita o

resguardo solitário. A produção de subjetividade nesse contexto se dá em termos distintos aos espaços tipicamente urbanoides comuns à circulação da classe média.

Como indicam Rosa, Berta e Alencar (2010), deve-se inserir a dimensão coletiva e sociopolítica do sofrimento a partir de um olhar que acesse o funcionamento do campo social, tanto para compreender os impactos individuais e coletivos dos acontecimentos quanto para identificar as possibilidades de inscrição desses acontecimentos na história e na cultura, por meio de narrativas que os tornem experiências compartilhadas e reconhecidas no laço social que engendrem possibilidades de recomposição de lugares discursivos.

Nossa intenção aqui é fomentar algumas questões de ordem técnica e investigativa que possam ser pertinentes à prática e à expansão da psicanálise em contextos que se farão inevitavelmente mais presentes. As consequências decorrentes das mudanças climáticas nos acossam cada vez mais e já não se restringem a momentos ou locais isolados, atingindo sobremaneira grupos socioeconômicos mais vulneráveis. Após a temperatura global de 2023 bater recordes (Perez, 2023), viu-se nas redes sociais uma profusão de notícias e informações que mudaram o tom quando se fala de mudanças climáticas: se, antes, ainda se defendia uma esperançosa resistência, hoje pendulamos entre o nihilismo referido ao clima e a busca de soluções de sobrevivência em um cenário que não comporta mais inflexões factíveis. Claro, há também os negacionistas convictos, os porta-bandeiras de Tântatos. O horizonte que se apresenta é de agravamento das desigualdades sociais estruturais e de uma intensificação dos fluxos migratórios em decorrência das mudanças climáticas — o que nos leva a uma celeuma política bem conhecida: nacionalismos, xenofobia, exploração da mão de obra, fascismos.

A história da psicanálise é repleta de períodos de invenção de novos dispositivos e técnicas para melhor escutar e intervir nas demandas de sofrimento de seu tempo. Mas essas experiências, centrais ao desenvolvimento teórico de nossa disciplina, acabam amiúde relegadas a variações de um suposto tratamento-padrão, centelhas de inventividade com prazo de validade, paralelas a nosso habitual *setting-bunker*. Quando se sai desse modelo arquitetônico de relação espacial, não raro coloca-se a suspeita: “mas isso continua a ser uma psicanálise?”. A questão aqui proposta é outra: “onde a psicanálise pode ser levada por isso?”. Nosso modesto relato pretende provocar o leitor a inventar possíveis respostas com outros mais. Nosso trabalho quer averiguar se no campo lacaniano já não encontramos alguns operadores básicos necessários para nos utilizarmos dessa ferramenta — a cartografia afetiva — a partir de nossos próprios termos, digamos assim. A título de um pequeno ensaio dessa intenção, destacamos o tensionamento de três noções: a livre associação, o significante e o sujeito.

É fato que “livre” é um adjetivo no mínimo paradoxal para qualificarmos a única tarefa dada aos analisantes, ainda mais quando o que esses devem constatar em suas associações é justamente a determinação discursiva de suas experiências. Sabemos algo sobre as condições propícias ao funcionamento possível dessa regra, e



há significativo consenso de que elas são adquiridas na formação de um analista que, a cada encontro em que é requisitado, vê-se novamente impelido a inventar um modo de fazer Isso falar no outro. Essas manobras táticas certamente se dão em territórios subjetivos condicionados por uma multiplicidade de referências imaginárias e simbólicas que cobram plasticidade e inventividade do analista que se lança a escutar matrizes culturais distintas da sua.

Lacan (1953/1998, p. 259) descreve sob três aspectos o campo de investigação e intervenção da psicanálise: “Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real.” Reivindicando que a experiência analítica é apenas reconhecível e operacionalizável a partir da instância da letra, Lacan estabelece o significante como a unidade mínima da intervenção analítica. Nunca é demais lembrarmos qual é a definição precisa que Lacan (1960/1998, p. 833) dá a esse termo: “Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é o que representa o sujeito para outro significante.” Não raro, todavia, tomamos o significante como correlato estreito das palavras que compõem o relato de um sujeito. Essa leitura confere à definição lacaniana uma rigidez que ela não parece comportar, o que nos abre espaço para supor que outras materialidades poderiam exercer uma função significante. Um exemplo disso pode ser encontrado nos desenvolvimentos de Bairrão (2011), em grande medida oriundos de sua experiência com a etnopsicanálise:

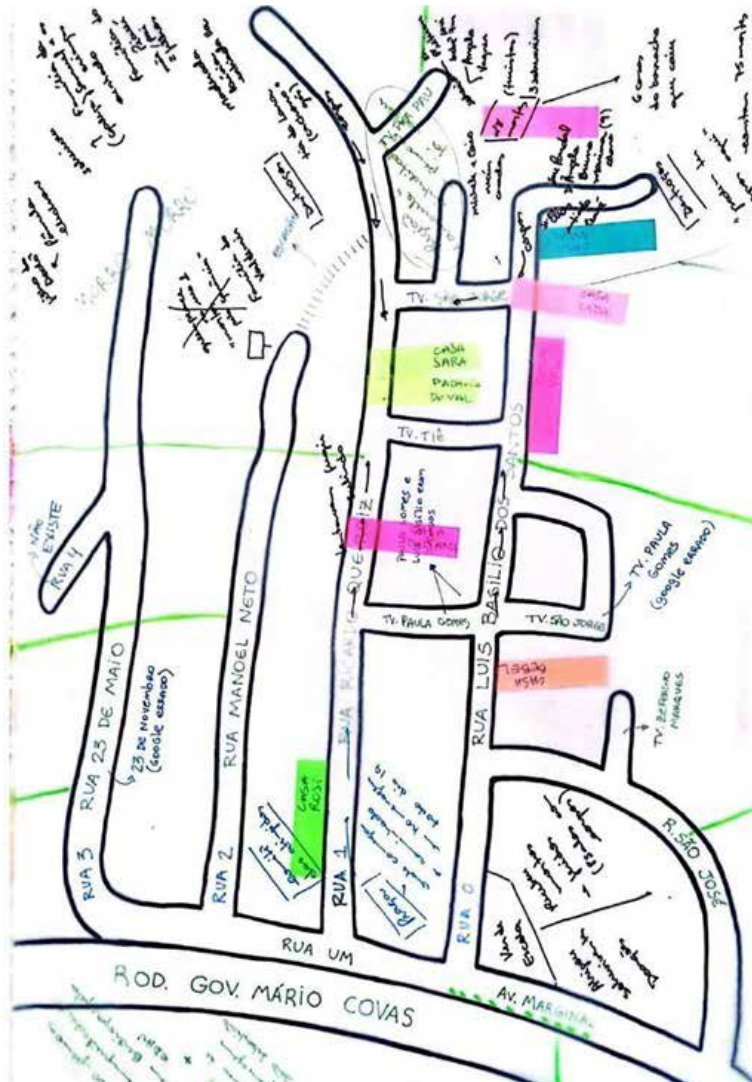
Não há uma boa razão para manter esta restrição histórica, e as considerações relativas à figurabilidade podem ampliar-se a outros modos de apresentação estética da significância, não apenas de natureza visual, mas também olfativa, auditiva, tátil, gustativa, proprioceptiva e todas as suas nuances e sinestésias. Uma leitura que privilegie um entendimento do simbólico que o identifique ao verbal é insuficiente e não é a única interpretação possível do estatuto do significante psicanalítico, nem a melhor, nem a mais útil. De uma perspectiva psicanalítica, o que se deve sublinhar no significante é a sua dimensão de ato. (Bairrão, 2011, p. 170)

E continua:

Esta possibilidade de dar ouvidos ao não verbal necessariamente relativiza a errônea suposição da dependência do enunciado de um determinado tipo de materialidade linguística, sob pena dos lugares do sujeito inferíveis dos discursos serem concebidos como restritos ao espectro do proposicional e uma psicanálise se achatar em arremedo de análise literária. Em contrapartida, ao ampliar e “desobjetivar” a concepção de significante, não apenas uma psi-

canálise pode ser conduzida com mais rigor e profundidade, como é possível aplicá-la como dispositivo de escuta não restrito a uma época e cultura e no limite a um grupo social, que pode auxiliar a resgatar etnoteorias implícitas a enunciados de natureza não estritamente verbal. (Bairrão, 2011, p. 170)

Figura 3. Cartografia afetiva: resultado da prática com a comunidade do Sahy, junho de 2023.



Fonte: Cartografia afetiva realizada na visita em junho de 2023 à Vila Sahy.

O significante, como unidade mínima da intervenção analítica, compõe, portanto, o inconsciente “estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1966/2003, p. 228). Linguagem como estrutura, portanto, não se reduzindo ao verbal, como já vimos. Linguagem tão real quanto o — chamado por nós — mundo externo. Linguagem que nos banha e diz de nós antes mesmos de nascermos, com consequências incalculáveis e sensíveis a todos os seres. Desse modo, “o inconsciente é o discurso do Outro”, e “o desejo do homem é o desejo do Outro. No Outro está a causa do desejo, donde o homem decai como resto” (Lacan, 1966/2003, p. 228). Essa dimensão intersíquica da linguagem articula-se com nosso trabalho, na medida em que o acontecimento na Vila Sahy e as construções elaborativas, singulares e coletivas que dele se desdobram passam a compor com a linguagem que banhava previamente os que ali habitam, entrelaçando-se com suas formações inconscientes.

Nesse sentido, a escolha da cartografia afetiva pode caracterizar-se como uma tentativa de fazermos com que o território fale, na medida em que ele é produzido pelas subjetividades que o habitam por meio de uma rede de significações enunciadas por diferentes qualidades de materialidade que compõem um discurso. Seu uso, portanto, procurou criar uma situação na qual a comunidade pudesse debruçar-se sobre um exercício de mobilização de memórias, experiências e recursos a partir de enunciados verbais e gráficos — sendo essa última dimensão especialmente interessante por sua capacidade de propiciar a visualização das redes de significação comuns ao território: uma fotografia das redes significantes compartilhadas. Assim, quando falamos que o “território fala”, não se trata de figura de linguagem: trata-se de compreender o discurso em sua constituição transindividual (Lacan, 1953/1998), não pertencente a um ou outro indivíduo, senão ao campo de enunciados que esses encarnam à sua própria maneira — só há sujeito de um discurso, e esse nunca se fala sozinho.

A noção de sujeito, portanto, não corresponde à escuta de uma pessoa. Há uma Outra dimensão para além da pessoalidade do falante que, justamente quando produzida pelo ato analítico, faz com que sua constituição dividida apareça. Convidar um coletivo de pessoas a colocarem seus discursos em circulação, por enunciados não só verbais, não nos impede, portanto, de operar com um sujeito inconsciente nesse campo compartilhado pela comunidade.

Como dissemos no início deste texto, esse breve percurso não procurou demonstrar que a atividade realizada na Vila do Sahy pode ou não ser qualificada como “psicanalítica” — até porque tal denominação só caberia em uma verificação posterior de seus efeitos. Pretendemos, sim, mostrar como outros dispositivos podem ser utilizados para fazer circular outras qualidades enun-

ciativas que não seriam a nós endereçadas sem uma adaptação de nossa escuta às especificidades desse território. A situação de um acontecimento potencialmente traumático que incide no coletivo nos motivou a explorar um dispositivo que coloca às vistas de seus atores as redes compartilhadas de significações que estabelecem relações com o espaço vivido, na contramão de uma escuta individualizante, que incorreria em patologização ou particularização fictícia das gramáticas de sofrimento. Além disso, nesse momento posterior de reflexão, que se materializa pela via da escrita aos leitores, convidamos o campo psicanalítico à invenção de instrumentos de escuta que possam ser operativos em situações de desastres, que serão inevitavelmente mais cotidianos, pelos quais seremos demandados. Que não se confunda a escuta da singularidade com a separação do sujeito das redes de significação que o transcendem e o atrelam aos territórios em que sua vida se dá.

A psicanálise, assim como qualquer outro significante, sempre escapole aos esforços de definição absoluta, mas isso não nos impedirá de colocarmos (mais) uma proposição que a nomeie, ressaltando sua dimensão operativa e inventiva: ela é um artifício. Assim como é preciso que um prisma se coloque diante da luz branca para fragmentá-la e tornar possível a análise do que a compõe, o dispositivo analítico, quando bem “posicionado”, dá a ver outras dimensões do discurso, cotidianamente veladas, e nem por isso menos determinantes de nossa experiência. Então: que parafernalias podem colocar uma psicanálise sob outro prisma?

\*\*\*

### **“No morro, morremos todos”**

Aos poucos, esses fortes moradores do sertão se agrupam em uma rede de ajuda e solidariedade. Logo é erguida uma provisória e perigosa pinguela sobre o rio, mas que permite a travessia. O acesso a comunicação e artigos de primeira necessidade se restabelece. Chegam, assim, novas notícias: os desabrigados estão sendo acolhidos na escola municipal do Cascalho. E a notícia mais dramática: a Vila do Sahy foi a mais atingida, dezenas de mortes. Há corpos pelas ruas da comunidade. Uma moradora nos diz: “No morro, morremos todos, deixados para morrer, sem nada.”

Figura 4. Interditos: casas interditadas pelo poder público.



Fonte: Tarpani, 2023.

\*\*\*

A frase enunciada pelos moradores em diferentes arranjos — “o dia não amanhecia” — dá notícias da temporalidade vivida pelos atingidos em relação àquela noite. A espera pela luz do dia indicava o início dos caminhos para uma elaboração. A cada vez que nos dedicamos a pensar os efeitos e as consequências de um acontecimento crítico, de potencial traumático, vemo-nos na necessidade de revisitar a leitura psicanalítica sobre o traumático, que, por sua vez, é determinante para a direção da escuta nesses contextos.

Desde os primórdios da investigação psicanalítica sobre a etiologia das neuroses, o acontecimento ou a contingência foram disparadores fundamentais para a construção freudiana acerca do traumático por meio da observação dos efeitos dos grandes acidentes, sobretudo os decorrentes da guerra. Destacamos que, embora tenha passado por transformações, o lugar da contingência para a noção de traumático terminou por ser definido entre 1917 e 1920, quando fica mais clara a sequência lógica das formações sintomáticas (Soler, 2021).

Considerando os movimentos que ocorreram na teorização sobre o traumático, optamos por nos orientarmos a partir de duas dimensões apontadas por Belaga (2007, pp. 15-16): o trauma-processo, “*ligado a ese real sin ley, no programable, y otro como acontecimiento*”, e o trauma-acontecimento, “*un trauma como acontecimiento, que es la figura de la contingencia, es la figura de la irrupción de lo real sobre las representaciones simbólicas que tenía ese sujeto hasta ese momento*”.

D'Alessandro (2011) compreende o trauma-processo como elemento constitutivo do próprio sujeito, de ordem estrutural, que o insere no laço social. O trauma, aqui, é decorrente da entrada na ordem simbólica que divide o sujeito, provocando as mais diversas saídas que contornam essa marca originária.

O trauma-acontecimento, por sua vez, representa o evento que provoca uma ruptura, transbordamento que perturba uma organização anterior. O termo trauma-acontecimento situa o traumático originado em experiências biográficas do sujeito, compondo sua história e configuração psíquica, tais como adoecimentos, acidentes e perdas. De modo que o acontecimento deflagrador do traumático, embora muitas vezes vivido coletivamente, provoca efeitos articulados ao singular. Para nós, isso marca uma posição fundamental da psicanálise em relação aos desastres coletivos, na medida em que o traumático não está condicionado a um evento em si, de efeitos coletivos homogêneos, mas convoca os analistas a averiguarem se um acontecimento comporta ou não um efeito traumático a cada caso.

Será em “Além do princípio do prazer” que Freud (1920/2010) se dedicará cuidadosamente à introdução da dimensão pulsional nas reflexões sobre o trauma, ampliando sua compreensão para além do paradigma econômico. Sua problemática, então, não mais apenas se situaria em termos de quantidade/excesso libidinal, mas convocaria uma dimensão pulsional, enfatizando-a em sua qualidade de “zona de não representação” — o que convoca o tratamento a empreender esforços de elaboração a partir dos significantes que representam o sujeito em dado contexto.

A observação e a escuta dos moradores da Vila do Sahy revelam como a devastação do território afeta a possibilidade de representação do desastre, na medida em que altera as coordenadas discursivas que amparam a possibilidade de registro e memória do acontecimento no laço social — o que convoca que as intervenções do analista se articulem com as inscrições do acontecimento na memória cultural como condição para o tratamento. Daí nossa tentativa, pela via da cartografia afetiva, de realizarmos um esforço de representação das matrizes culturais e históricas compartilhadas pelos moradores, situando-as em um “antes e depois” do desastre.

O tratamento psicanalítico propõe um trabalho que localize a posição do sujeito naquilo que ele faz com esse pedaço de Real que contingencialmente o encontra. Uma clínica voltada à escuta do traumático, portanto, está voltada aos pontos em que esse denuncia os impossíveis da articulação simbólica, não fazendo, todavia, desse impossível um impedimento para o reconhecimento e a estruturação de uma demanda coletiva.

## Tempo de elaborar

A Vila do Sahy tornou-se ponto de luta pelo direito à habitação digna, o que se manifesta pela organização de parte da comunidade em torno de movimentos sociais como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e a União dos Atingidos. Esses grupos estão em constante diálogo com o poder público, cobrando soluções estruturais para os problemas de habitação que apenas se agravaram após a tragédia-crime. A dimensão criminosa desse fenômeno, aliás, parece estar longe de ser resolvida: o poder público estadual e municipal até o momento apresentou soluções provisórias insuficientes para as famílias desabrigadas. Entre elas, a construção de complexos habitacionais que não respeitam as particularidades da vida em comunidade dos habitantes — ações surdas justamente ao que nossa intervenção procurou dar ouvidos, a saber, as especificidades de como a vida se dá no território da Vila do Sahy, abrangendo suas histórias e senso comunitário. Além disso, perpetua-se a violenta destruição de casas condenadas pelo poder público sem o diálogo com seus proprietários. Esses fatos tornam patente a dimensão criminosa perpetuada pelo poder público, que apenas reatualiza a dimensão traumática advinda do desarvoramento simbólico causado pela destruição material decorrente do desastre.

Nesse contexto, o projeto Trançar buscará dar continuidade aos espaços de escuta das singularidades coletivas do território do Sahy, fortalecendo vínculos com outros agentes políticos, entre eles a universidade. O desejo é o de continuar apoiando processos de reconhecimento do sofrimento vivido pela comunidade em suas especificidades, favorecendo a transformação das queixas endereçadas aos analistas em demandas organizadas aos órgãos políticos competentes, sem os quais não haverá mudança estrutural na segurança habitacional da região. Esse processo não pode ser caracterizado como o aprisionamento dos moradores em uma posição passiva e pedinte em relação ao Estado, senão como um movimento de reconhecimento do lugar que a comunidade estabelece em relação a seu próprio discurso — carregado hoje de lembranças profundamente dolorosas, mas também da força que continua a impulsionar toda vontade de lutar da aventura humana: o desejo pela terra.

## Referências bibliográficas

- Bairrão, J. F. M. H. (2011, julho/dezembro). A propósito do outro, etnográfico e em psicanálise. *Revista de Filosofia*, Curitiba: Aurora, 23(33), 345-358.
- Belaga, G. (2006). La urgencia generalizada: la práctica en el hospital. In *La urgencia generalizada: la práctica en el hospital* (1a ed.). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Bueno, E. (1999). *Capitães do Brasil: a saga dos primeiros colonizadores*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Bueno, E. (2003). *Brasil: uma história* (2a ed. rev.). São Paulo: Ática.
- Castelani, C. (2023). *Vila em São Sebastião onde 64 pessoas morreram começa a ser demolida*. *Folha de S.Paulo*, 26 de setembro, 2023. Recuperado em 31 de outubro, 2023, de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/09/vila-em-sao-sebastiao-onde-64-pessoas-morreram-comeca-a-ser-demolida.shtml>
- D'Alessandro, C. (2011). *Investigações clínico-psicanalíticas sobre o trauma no contexto da urgência hospitalar*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. Souza, Trad.) (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010). Angústia e instintos. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. Souza, Trad.) (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. Souza, Trad.) (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Lacan, J. (1986) *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2003). Pequeno discurso no ORTF. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Navarro, E. A. (2005). *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos* (3a ed. rev. e aperf.). São Paulo: Global.



- Navarro, E. A. (2013). *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global.
- Pereira, J. R. S., & Registro, M. (2022). *Antropologizando a cartografia afetiva*. Curitiba: Campos.
- Perez, E. (2023). Julho de 2023 é confirmado como o mês mais quente da história. *ONU News*, 8 de agosto, 2023. Recuperado em 30 outubro, 2023, de <https://news.un.org/pt/story/2023/08/1818742>
- Rosa, M. D., Berta, S. L., & Alencar, S. L. S. (2010). A elaboração coletiva do trauma: a clínica do traumático. In S. Scotti et al. (Org.), *Escrita e psicanálise II* (1a ed., Vol. 1, pp. 15-25). Curitiba: CRV.
- Soler, C. (2021). *De um trauma ao outro* (C. A. de A. Oliveira, Trad.). São Paulo: Blucher.
- Staden, H. (2010). *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Porto Alegre: L&PM.
- Tarpani, B. (2023). *Sahy*. São Paulo. Inédito.
- Vettorassi, A. (2020, julho). Mapas afetivos: reflexão sobre memórias e identidades temporais e espaciais. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, 6(7), 52.811-52.828.

**Recebido:** 01/06/2023

**Aprovado:** 15/06/2023